



EDITORIAL

Na busca de constante renovação, chegamos à 5ª edição desta Carta com nova equipe de trabalho, disposta a enfrentar criativamente a maré de pessimismo que paira sobre a universidade e o país nestes tempos de crise. Duas jovens alunas de Ciências Sociais – Gleicy e Leticia, selecionadas pelo programa bolsa atividade, foram agregadas à redação deste boletim no intuito de sintonizá-la com os recursos e a dinâmica da comunicação digital. Com elas, nossos novos projetos são: criar um blog do LIDEPS, com uma versão eletrônica deste informativo; além de “turbinar” a página do laboratório no facebook. Que tais iniciativas possam fortalecer os laços de nossa comunidade de pesquisa junto ao CECH, da qual visamos ser o principal veículo de expressão.

FICHA TÉCNICA

Carta LIDEPS é uma publicação do Laboratório Integrado de Documentação e Estatísticas Políticas e Sociais, unidade especial de ensino, pesquisa e extensão vinculada ao Centro de Educação e Ciências Humanas da UFSCar. As opiniões publicadas neste boletim são responsabilidade exclusiva de seu conselho editorial.

Direção do CECH: M^a de Jesus Dutra dos Reis (Diretora), Ana Cristina Juvenal da Cruz (Vice).

Direção do LIDEPS: Marcelo Coutinho Vargas (Chefe), Eduardo Garutti Noronha (Vice).

Coordenação do CEJOPE: Catarina Morawska Vianna (Coordenadora), Samira Feldman Marzochi (Vice).

Conselho Editorial: Gabriel Feltran, Igor Rennó Machado e Simone Diniz.

Redatores: FGleicy Oliveira, Leticia Zavan e Marcelo Vargas (redator-chefe).

Diagramação: Marcelo Aquino.

A redação recebe comentários, críticas, sugestões e colaborações no email: lideps.ufscar@gmail.com ou via facebook.

Tiragem: 200 exemplares impressos.

ENTREVISTA

Sylvia Lasulaitis

Professora adjunta do Departamento de Ciências Sociais, Sylvia é líder do grupo de estudos e pesquisas em Gênero, Novas Mídias e Política, que integra o Núcleo de Estudos de Comunicação Política, Partidos e Eleições do LIDEPS. Nesta entrevista, a profa. lasulaitis traz algumas análises e resultados de suas pesquisas sobre questões de gênero no âmbito da política, dos meios de comunicação e das redes sociais.



Conte-nos um pouco de sua trajetória como pesquisadora e líder do grupo de pesquisas Gênero, Novas Mídias e Política? Quando foi criado este grupo e qual o seu vínculo com o LIDEPS?

Minha trajetória como pesquisadora começou aqui na UFSCar, onde defendi o mestrado no hoje extinto Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais em 2008, prosseguindo no doutorado em Ciência Política, defendido em 2012 sob orientação do prof. Fernando Azevedo. Aqui fomos pioneiros nos estudos sobre Internet e Política, campo de pesquisa na época incipiente no país. Esta constatação me levou a buscar aprofundamento no exterior durante o doutorado. Passei uma temporada como visiting scholar em Barcelona no Internet Interdisciplinary Institute, fundado pelo famoso Manuel Castells. Depois fiz um estágio doutoral na Universidad Complutense de Madrid. E estive uma temporada no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, coordenado pelo prof. Boaventura de Sousa Santos, me aprofundando na temática de gênero.

Quanto ao grupo de pesquisa que hoje coordeno, teve sua origem no grupo “Comunicação Política, Partidos e Eleições”, fundado pelo prof. Fernando Azevedo em 1998. Tornei vice-líder deste grupo, hoje sediado no LIDEPS, quando criamos nele duas novas linhas de pesquisa: “Gênero, Comunicação e Política” e “Política, Internet e Novas Mídias Sociais”. Face ao crescimento de ambas, no decorrer de 2016, eu e minha equipe decidimos criar nosso próprio grupo sobre Gênero, Novas Mídias e Política – também vinculado ao LIDEPS.

Quais são os principais temas e eixos centrais deste grupo?

Nosso foco está no cruzamento de duas importantes temáticas contemporâneas: Gênero e Novas Mídias Sociais Digitais. Gênero é um dos eixos centrais que organiza as experiências no mundo social. As relações de gênero se convertem em relações reguladoras fundamentais em todas as formações sociais e políticas. Partindo da compreensão de que gênero é o resultado de forças sociais e relações de poder, nosso grupo tem por objetivo abordar essa temática de forma interseccional e multidimensional, em conjunto com outros marcadores sociais que envolvem questões de classe, raça/cor e sexualidade. Outro foco do nosso grupo são as novas formatações da política na ambiência da Internet e das redes sociais, tendo em vista que as novas plataformas interativas alteraram substancialmente os modelos comunicacionais e as formas de interação das pessoas.

Quais são as principais atividades desenvolvidas neste grupo e quantas pessoas participam dele?

Nosso grupo busca integrar pesquisadoras e pesquisadores em diferentes fases da carreira acadêmica, cobrindo desde estudantes em iniciação científica até alunos de doutorado. Atualmente são 43 integrantes, incluindo bolsistas atividade provenientes de outras áreas de conhecimento. Nossas atividades envolvem reuniões semanais (sempre na 4ª feira, 18h30), no Cine DCE, bem como minicursos com pesquisadoras/es convidadas/os.

Buscando associar ensino, pesquisa e extensão, também realizamos diversas visitas de campo nas quais se empregam as metodologias participativas e a troca de saberes com as comunidades pesquisadas. Além da produção acadêmica de artigos, papers e capítulos de livros, temos buscado participar de atividades externas relacionadas ao nosso tema, como audiências públicas e intervenções culturais.

Quais são os principais projetos de pesquisa /extensão em curso no GNMP?

Destaco o projeto “Diagnóstico Situacional da Mulher Camponesa”, que investiga a condição das mulheres que vivem em assentamentos rurais de reforma agrária em nossa região, abordando aspectos socioeconômicos, violência, qualidade de vida e participação política. O Brasil figura entre sete países com maior índice de violência contra a mulher no meio rural, e levantamentos preliminares que realizamos em assentamentos locais confirmam esta realidade. Neste projeto, fazemos um levantamento dos indicadores de violência no meio rural, identificamos vulnerabilidades específicas da mulher camponesa, inclusive carências de políticas públicas e projetos que envolvam geração de renda e/ou acesso a crédito para diminuir sua dependência econômica e promover sua autonomia.

Outro importante projeto em curso - “Gênero e Sexualidade: percepções e comportamentos de estudantes do Ensino Médio em São Carlos” - visa realizar um mapeamento das percepções políticas e comportamentos de jovens em relação a gênero, buscando identificar possíveis formas abusivas de tratamento, discriminação e preconceito entre os jovens.

Seu grupo desenvolve ou planeja desenvolver projetos de pesquisa e outras atividades acadêmicas com parceiros internos e externos? Quais?

Sim, as parcerias são muito importantes para nós, tanto internas, quanto externas, na perspectiva de internacionalização da produção científica. Com o grupo espanhol Gigapp (<http://www.gigapp.org>), participamos de uma coletânea e publicamos recentemente resultados pesquisa internacional sobre plataformas digitais de Orçamento Participativo. Temos realizado parcerias com pesquisadores latinoamericanas, que resultaram no estudo, em perspectiva comparada, dos discursos femininos em campanhas eleitorais, com a investigação empírica das campanhas de Dilma Rousseff, Michele Bachelet e de Cristina Kirchner.

Como você vê o tratamento das questões de gênero na sociedade brasileira, especialmente nos meios de comunicação? Quanto já avançamos e ainda precisamos avançar na direção de mais igualdade e menos discriminação em relação à mulher e às minorias sexuais?

Um elemento crítico é a criação de representações sobre gênero e política. A capacidade de disseminação de significado social hoje em dia está concentrada nas mídias. Interpretações sobre política e gênero são veiculadas por meio de discursos que os indivíduos em alguma medida selecionam, interpretam e enquadram de acordo com os códigos que possuem.

Temos percebido que no ambiente das mídias são acionados diversos estereótipos de gênero, que são manifestações do tradicionalismo e do conservadorismo político, e se ancoram em um modelo binário e em um conjunto muito arraigado de crenças sobre os papéis e os atributos pessoais considerados social, política e culturalmente adequados a homens e mulheres.

Identificamos inúmeras situações de sexismo na maneira como os veículos de comunicação enquadram mulheres e dissidentes de gênero, reificando estereótipos e aprofundando assimetrias de poder. Uma investigação de doutorado em andamento junto ao nosso grupo, por exemplo, vem demonstrando que estereótipos de gênero e discursos misóginos foram amplamente utilizados e disseminados nas redes sociais contra a Dilma Rousseff durante sua presidência, visando desconstruir sua imagem pública. Outra pesquisa de iniciação científica mapeia a cobertura sexista e misógina de meios impressos em relação à ex-presidenta. Outra pesquisa no âmbito do grupo tem identificado que os enquadramentos midiáticos sobre o feminicídio da mulher negra tende para a culpabilização das mulheres em suas narrativas.

Tudo isso demonstra que ainda são muitos os desafios para romper os enquadramentos de gênero nos meios de comunicação numa sociedade cujas matrizes culturais são atravessadas por relações assimétricas de gênero.

Considerando que o Programa de Ações Afirmativas da UFSCar completa dez agora em 2017, como você vê o tratamento das

questões de gênero, o combate à intolerância e a inclusão de minorias no âmbito da nossa universidade? Há conquistas a comemorar?

Inegavelmente temos que reconhecer e comemorar o aumento da diversidade no interior da universidade. É fato que a composição principalmente do corpo estudantil se alterou, ainda que permaneça aquém do necessário. Grupos que antes não acediam ao ensino superior hoje estão presentes no ambiente universitário. Há hoje um ambiente mais plural em termos de composição étnico-racial da comunidade acadêmica, mas outros desafios estão postos. A permanência desses grupos é atravessada por inúmeras dificuldades, porque as práticas cotidianas continuam a reproduzir diversos tipos de preconceitos e desigualdade. A violência, física e simbólica, é um dispositivo de regulação social muito presente na sociedade e nas instituições. A universidade não é um mundo à parte; por isso não está imune à violência e ao preconceito em seu interior. Um exemplo disso foram as recentes pichações misóginas e LGBTfóbicas no espaço do DCE, onde reunimos nosso grupo de pesquisa.

A violência no ambiente universitário pode ir da desqualificação intelectual ao estupro, que já ocorreram na UFSCar. Neste sentido é preciso reconhecer a importância de instrumentos institucionais para lidar com essa realidade, como a Secretaria Geral de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade e também da Ouvidoria, que são conquistas importantes e vêm cumprindo um papel relevante ao receber e encaminhar denúncias de violência e preconceito. A quantidade expressiva de denúncias reflete avanços no seu enfrentamento, mas também é sintomática do quanto a sociedade e o próprio ambiente universitário ainda precisam avançar em direção ao respeito às diferenças, ao combate ao racismo, à xenofobia, à LGBTfobia, ao machismo e a toda forma de preconceito e discriminação de gênero, origem, raça, classe e sexualidade. Creio que a construção da equidade é mesmo um processo constante.

Considerando a horizontalidade e a capilaridade da comunicação na era digital, você acha que o crescimento exponencial das redes sociais tem favorecido o pluralismo e a tolerância ou, ao contrário, estimulado a intolerância e a mentalidade de facções em nos diversos grupos que proliferam no ciberespaço?

Inegavelmente a Internet tem possibilitado novas formas de comunicação e ampliado as possibilidades de distribuição de mensagens, pois qualquer pessoa se transforma um emissor potencial de informações e imagens por meio de múltiplos canais, o que diversifica o debate.

No entanto, há que evitar o determinismo tecnológico na análise da internet, pois as tecnologias não possuem influência autônoma sobre a sociedade. A rede mundial de computadores está inserida em contextos sociais diversos e pode ser apropriada para inúmeras finalidades. Ao mesmo tempo em que possibilita a ampliação do pluralismo e da participação, pode expandir também as patologias da opinião pública, contribuindo para unir grupos xenófobos, misóginos e homofóbicos que se encontravam dispersos.

É perceptível que discursos presentes na sociedade, anteriormente abafados, vieram a público e se tornaram visíveis no ciberespaço. Elementos de preconceito, que são mais modulados na interação face a face, aparecem claramente na Internet, que passa a ter um papel desvelador de preconceitos arraigados e violência simbólica, muitas vezes travestidos de humor. Temos verificado em processos de etnografia digital que inúmeros debates realizados nos sites de relacionamento têm sido marcados por aquilo que na literatura temática denominamos de flames, ou seja: discursos de ódio, intolerância e violência simbólica, que geram radicalização de posições e inibem o debate. Tudo isso decorre da invisibilidade da audiência, da possibilidade de anonimato e também de criação de perfis fake e do emprego de trolls e haters, que são grupos organizados e robôs criados para proliferar mensagens de ódio no ciberespaço. Tal cenário tem favorecido a formação de redutos informativos, uma vez que o internauta prefere interagir com aqueles ideologicamente próximos e com sentimentos e afinidades políticas, levando ao que denominamos homofilia dos grupos primários, que implica significativa restrição de contato com o contraditório e de aumento da intolerância.

3X4: LABORATÓRIO DE ESTUDOS SOBRE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DA DOCÊNCIA

O Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Outros Agentes Educacionais é responsável pelo Laboratório de Estudos sobre Aprendizagem e Desenvolvimento Profissional da Docência, localizado no LIDEPS. Este grupo, registrado no CNPq desde 1995, sob a liderança das professoras titulares Aline Reali (DTPP/UFSCar) e Maria da Graça Mizukami (Univ. Mackenzie), tem como foco a investigação de processos básicos de aprendizagem e desenvolvimento profissional da docência, incluindo a formação inicial e continuada de professores, como também práticas pedagógicas em diferentes níveis e modalidades de ensino. Os principais temas pesquisados pelo grupo têm sido: base de conhecimentos para o ensino; sabedoria docente, teorias pessoais e implícitas; socialização profissional; comunidades de aprendizagem; indicadores de desenvolvimento profissional da docência.

Nos últimos anos as investigações do grupo têm focalizado os professores iniciantes e experientes, e as fases da carreira docente, a partir de um modelo construtivo-colaborativo de pesquisa e intervenção. Neste modelo procura-se estreitar as relações universidade-escola e professores e pesquisadores. Programas formativos presenciais, virtuais e híbridos têm sido realizados como contextos de investigação e têm como objeto: i) a formação de mentores e formadores, com o acompanhamento de professores iniciantes por professores experientes (mentores), visando a minimização das dificuldades típicas da carreira (Programa de Mentoria e Programa de Formação Online de Mentores); e ii) o diálogo intergeracional entre professores iniciantes e experientes em Redes de Apoio a Docência. Muitas destas pesquisas tem sido financiadas pelo CNPq e Fapesp. No momento está em início o Programa Híbrido de

Mentoria, financiado pela FAPESP-Ensino Público.

Também sob a responsabilidade do grupo, como espaço formativo virtual, há o Portal dos Professores da UFSCar (www.portaldosprofessores.ufscar.br), ferramental polivalente que tem comportado, além dos programas mencionados, outras iniciativas voltadas para o atendimento de necessidades formativas de professores de diferentes níveis de ensino.

Dentre as repercussões das pesquisas do grupo podem ser destacadas o fornecimento de subsídios para reformulação de cursos de formação de professores; o desenvolvimento de modelos alternativos de formação; aprimoramento e avaliação de novos recursos instrucionais relacionados à internet; práticas e estratégias de intervenção de longa duração junto a professores do ensino básico sob um modelo construtivo-colaborativo. Nos últimos dez anos o grupo formou 26 doutores e 8 mestres. Atualmente congrega 6 doutorandos e 1 mestranda.

ACONTECEU NO LIDEPS

Reunião de esclarecimento sobre representação discente no Conselho Científico

Atendendo solicitação que emergiu de um grupo de pós-graduandos membros do LIDEPS, o chefe da unidade, prof. Marcelo Vargas, convocou uma reunião com a categoria para prestar esclarecimentos sobre a representação discente no Conselho Científico dos laboratórios integrados. Divulgada no mailing do LIDEPS, e por meio de cartazes nas cercanias, a reunião ocorreu no auditório comum, numa tarde de terça-feira (20/06).

Embora tenha contado com a presença de somente duas pós-graduandas, frequentadoras assíduas dos laboratórios, além do chefe e do secretário da unidade, a reunião permitiu informar as interessadas sobre aspectos institucionais, administrativos e orçamentários do LIDEPS, destacando a importância da representação discente no Conselho Científico do órgão. Foi esclarecido que a categoria dispõe de duas vagas (para titular e suplente) neste colegiado, com direito a voz e voto nas reuniões deliberativas, assim como que não caberia à chefia da unidade interferir no processo de escolha dos respectivos representantes.

Diante do último esclarecimento, as alunas presentes sugeriram que pudesse haver alguma rotatividade na representação discente neste conselho, recebendo da chefia a resposta de que qualquer proposta nesta direção teria de ser submetida à apreciação do colegiado, sendo apresentada por algum representante discente (ainda que informal).

O diretor-chefe da unidade garantiu que todos os pós-graduandos vinculados aos laboratórios associados seriam devidamente comunicados das próximas reuniões do conselho.

LIDEPS NA BLOGOSFERA E NAS REDES SOCIAIS

A comunidade dos pesquisadores que compõem os núcleos e

laboratórios associados ao LIDEPS já pode finalmente contar com os novos meios e recursos onipresentes da comunicação digital, além deste veículo impresso de alcance limitado. Contando agora com duas jovens “nativas digitais” na equipe Gleicy e Letícia, ambas alunas do bacharelado em Ciências Sociais com bolsa atividade da ProACE, a redação do Carta-L daqui pra frente também vai se ocupar do facebook do LIDEPS [www.facebook.com/lideps] e da edição de um blog próprio (em preparação). Aguardem.

NOVA SALA MULTIMEIOS, NOVAS ATIVIDADES

Tendo passado por reforma recém-concluída na configuração do espaço e seus equipamentos, o auditório do LIDEPS finalmente vai cumprir o papel que sempre lhe coube: o de ser uma sala multimeios polivalente, com capacidade de receber pequenas audiências (30 lugares) para atividades acadêmicas e culturais diversificadas. A sala, que já conta rede wifi adequada, agora dispõe dos seguintes equipamentos integrados entre si: computador desktop atualizado, datashow, TV LCD 50”, com câmara Full HD acoplada, aparelho DVD com caixas de som “home theater”, além de cabo para laptop com entrada HDMI. Nesta configuração, o pequeno auditório poderá ser palco não apenas de sessões de cinema e defesas de tese, com membros virtuais, mas também de videoaulas e videoconferências, ou mesmo sessões de videorodadas de conversa que promovam o compartilhamento de olhares sobre temas de interesse da comunidade por meio de documentários disponíveis no youtube ou noutras plataformas abertas da internet. A direção do LIDEPS adverte: Boas ideias e propostas são bem vindas e serão acolhidas neste espaço!

CINEDEBATE: BALANÇO E PERSPECTIVAS

Completado o primeiro ciclo do CineDebate, que exibiu quatro filmes sobre o tema “Ciência: combates e combatentes” no auditório do LIDEPS, já dá pra fazer um primeiro balanço do alcance e das repercussões dessa atividade. Apesar de bem divulgadas, as sessões contaram com pouca audiência: cerca de 15 pessoas nos primeiros filmes, mas apenas cinco no último (justamente aquele de maior “apelo comercial” – Nise, o coração da loucura, com Glória Pires). Mesmo assim, o público atingido exibiu saudável diversidade, envolvendo alunos e professores tanto do CECH quanto da área norte, e gente de fora da UFSCar. E as pessoas demonstraram forte interesse na temática em questão, permanecendo para os debates ao final dos filmes.

O ciclo previsto para o segundo semestre, intitulado “Política: revoluções e revolucionários” passa por reformulação, levando em conta a série de filmes sobre a revolução russa já exibidos este ano pela ADUFSCar. Por enquanto, fica mantido o filme “Viva Zapata”, sobre a revolução mexicana, tendo como debatedor o prof. Joelson Carvalho. Os demais serão anunciados em breve.